

Memórias

de um jornalista (6)



POR

**DOMINGOS
SILVA ARAÚJO**

ANTIGO DIRETOR
DO "DIÁRIO DO MINHO"

Concluimos hoje a publicação das "Memórias de um jornalista", da autoria de Monsenhor Silva Araújo, que foi diretor do "Diário do Minho". As 1.ª, 2.ª, 3.ª, 4.ª e 5.ª partes destas "memórias" foram publicadas nos cinco últimos números deste caderno cultural (cf. dias 4, 11, 18 e 25 de novembro – e 2 de dezembro).

10. Excessos que se cometeram

Durante o chamado PREC – Processo Revolucionário em Curso houve excessos que se cometeram, e se espera não voltem a acontecer.

Quando se fala neste assunto há quem recorde apenas os excessos que tiveram por autoria gente da extrema direita, que foram uma

realidade. Recorde-se, por exemplo, o roubo do tesouro de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães, os ataques a sedes do Partido Comunista e do MDP/CDE, as bombas postas em Braga na antiga Casa da Mocidade e em sedes de sindicatos na Rua de S. Marcos.

No entanto, há um conjunto de perguntas que não deixo de fazer a quem se esquece de excessos cometidos por gente da esquerda

e da extrema esquerda:

Quem disse, numa entrevista à jornalista italiana Oriana Falacci, opor-se a que em Portugal houvesse uma democracia pluralista? Quem fez tudo para implantar em Portugal uma República popular, esforçando-se por que ao regime deposto com o 25 de abril sucedesse uma ditadura de esquerda, de cariz marxista?

Quem tudo fez para tentar impor

a unicidade sindical?

Quem cercou o Governo de Pinheiro de Azevedo?

Quem cercou a Assembleia Constituinte, impedindo os deputados de saírem da Assembleia da República?

Quem ameaçou "partir os dentes" à reação?

Quem ameaçou meter os opositores no Campo Pequeno?

Quem assinou em branco man-

dados de captura?

Quem e porquê promoveu as prisões que se seguiram ao 28 de setembro e ao 11 de março?

Quem promoveu detenções por longos períodos de tempo sem que se tivesse chegado a organizar qualquer processo, permanecendo os detidos em estado de completo abandono e esquecimento?

Quem promoveu as brigadas populares que se atribuíram o poder de fiscalizar as viaturas de quem lhes convinha?

Quem promoveu, em 18 de junho de 1975, o cerco ao Patriarcado de Lisboa?

Quem assaltou a sede do CDS em Lisboa?

Quem promoveu o cerco a um congresso do CDS no Palácio de Cristal, no Porto?

Quem assaltou em Braga a sede do CDS, na esquina da Avenida Central com a Cangosta da Palha?

Quem assaltou a sede da FNAT (hoje Inatel) na Avenida Central, em Braga?

Quem assaltou o Centro Paroquial de Sacavém?

Quem assaltou o Colégio diocesano de Proença a Nova?

Quem quis silenciar a Rádio Renascença e pôs uma bomba no posto emissor da Buraca?

Quem mandou meter no forte de Caxias três trabalhadores daquela estação emissora que se mantinham fiéis à Igreja?

Quem ocupou as instalações do jornal «República» e expulsou o seu diretor, o socialista Raul Rego?

Quem pressionou os tipógrafos da Gráfica de Coimbra para não



No PREC, o portão e os painéis de azulejo da entrada principal do Paço Arquiepiscopal (Rua de Santa Margarida) foram alvejados a tiro (cujas marcas ainda lá se encontram, apesar de os buracos provocados pelas balas terem sido tapados, recentemente, com cimento).

imprimirem aquele jornal?
 Quem urinou na boca a um sacerdote do arceprelado de Fafe, durante um «passeio» noturno a que o obrigou?
 Quem exigiu que o arcebispo de Braga, D. Francisco Maria da Silva, a caminho de um congresso no Brasil, se pusesse em cuecas no aeroporto de Lisboa?
 Quem e para quê promoveu as campanhas de alfabetização?
 Quem quis fazer do domingo um dia normal de trabalho?
 Quem promoveu os saneamentos selvagens?
 Quem enxovalhou o Prof. Guilherme Braga da Cruz no Instituto Jurídico de Coimbra?
 Quem vexou em Coimbra o Prof. Almeida Costa?
 Quem agrediu dois professores da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra?
 Quem maltratou o juiz conselheiro do Supremo Tribunal Administrativo Francisco José de Sousa Veloso?
 Quem disparou contra os azulejos situados ao lado do portão de entrada da Casa Episcopal de Braga, na Rua de Santa Margarida?
 Quem decepou em Santa Comba Dão a estátua de Salazar?
 Quem promoveu a revolta de Tancos que em 25 de novembro colocou Portugal à beira de uma guerra civil?

As organizações ligadas à extrema direita surgiram, disso estou persuadido, como reação a atividades de certa esquerda e extrema esquerda. No fundo, o que pretenderam foi defender a implantação de um sistema democrático pluralista e livre, o que não agradou nem agrada aos defensores dos totalitarismos.

11. Livros que historiam o tempo do PREC – (livros referentes a este período)

Diversos livros se escreveram a propósito do que foi o PREC – Processo Revolucionário em Curso e o chamado “Verão Quente” de 1975. Refiro apenas quatro, que considero particularmente significativos: dois de uns tantos bispos, um de um militar e outro de um civil. Concretamente: «Acima da Tormenta», de D. Francisco Maria da Silva; «Memórias de um Bispo», de D. Manuel de Almeida Trindade; «Capitão de Abril, Capitão de Novembro», do Coronel Sousa Castro; «O Antigo Regime e a Revolução. Memórias Políticas (1941-1975)», de Diogo Freitas do Amaral.



D. Francisco Maria da Silva, Arcebispo de Braga. Durante o PREC foi sujeito a um vexame chocante no aeroporto da Portela (Lisboa), quando se deslocava ao Brasil para participar no Congresso Eucarístico de Manaus (episódio que ele próprio narra no livro “Acima da Tormenta”)

«Acima da Tormenta» é um livro publicado em maio de 1976. Na apresentação, e referindo-se àquele período, D. Francisco escreve: «Além do que dizem, estas páginas levam a supor o que ia na rua: incertezas, dúvidas, vexames, perseguições, assaltos ao poder, perigo dum marxismo imposto a ferro e fogo a quem o não queria». Abre com o discurso pronunciado em frente à Sé, em 10 de agosto de 1975, seguido de telegramas enviados pela Comissão Organizadora da manifestação. Em comunicado, esta relata acontecimentos ocorridos antes, durante e depois da manifestação (pag. 9 a 24). Entre as páginas 143 e 148 Dom Francisco narra o vexame a que foi submetido, quando ia ao Brasil participar no Congresso Eucarístico de Manaus. Acusado de ser portador de divisas teve de se pôr em cuecas num subsolo do

aeroporto de Lisboa. As páginas 148 a 150 são o relato de casos chocantes de infração aos Direitos do Homem. Lembra petardos que rebentaram junto do portão da Casa Episcopal (pag. 181-183). Refere a ordem de queimar uma biografia de Santo António de Lisboa (pag. 213). Diversos capítulos versam temas de Doutrina Social da Igreja, com críticas sobretudo ao Marxismo e ao Comunismo.

«Memórias de um Bispo», do falecido D. Manuel de Almeida Trindade, que foi Bispo de Aveiro, veio a público em abril de 1993. O capítulo XV (pag. 317 a 359) é todo ele dedicado ao que sucedeu após o 25 de abril de 1974. Relata diversas posições do Episcopado; a suspensão do «Novidades»; a proposta do Capitão Costa Martins, Ministro do Traba-

lho, relativa à supressão do domingo como dia de descanso habitual, passando este a ser qualquer dia da semana; a revisão do artigo 24.º da Concordata; a liberdade sindical; o silenciamento da Rádio Renascença; o assalto feito pelo capitão Calvino ao Colégio diocesano de Proença-a-Nova; a firmeza de D. António Ribeiro quando foram metidos no forte de Caxias trabalhadores da Rádio Renascença que se nantinhavam fiéis à Igreja; as prisões sem justa causa e os saneamentos selvagens; o cerco ao Patriarcado; as manifestações de cristãos em Aveiro, Viseu, Bragança, Coimbra, Leiria e Braga.

«Capitão de Abril, Capitão de Novembro», publicado em 2009, pelo Coronel Sousa e Castro, ao longo de 420 páginas apresenta o testemunho de quem viveu por dentro o antes, o durante e o pós-25 de Abril. Critica Spínola e Otelo. Denuncia

as prisões arbitrárias e o tratamento dado na prisão ao general Arnaldo Schultz e ao banqueiro Jorge Brito. Lembra os casos República e Renascença; a ameaça com o Campo Pequeno; o cerco à Assembleia Constituinte; a entrega de armas às esquerdas revolucionárias; a polémica com a atividade da Comissão de Extinção da PIDE/DGS. Começa por fazer uma proposta ao leitor: «acompanhem um jovem de 22 anos, saído da Academia Militar, preñado de ideais, espírito de missão e patriotismo, de raiz camponesa, que cresce no Minho rural e conservador da década de cinquenta, educado num colégio católico e de seguida formatado numa Academia Militar austera, fechada às ideias de mudança que em todo o mundo se disseminavam, naqueles tempos exclusivamente preocupada a produzir chefes para a guerra, qual ‘fábrica de oficiais’». Sousa Castro foi Conselheiro da Revolução e integrou o chamado «Grupo dos Nove», os militares moderados que se opuseram à marxização do país.

«O Antigo Regime e a Revolução. Memórias Políticas (1941-1975)». Publicado em 1995, este livro de Diogo Freitas do Amaral é um outro testemunho de quem, num palco diferente do do Coronel Sousa Castro, também viveu os acontecimentos por dentro. Com 540 páginas, o Autor começa por falar da sua formação: (pag. 15 a 43). Seguem-se dois capítulos relativos ao Antigo Regime: a era de Salazar e o governo de Marcelo Caetano. O grosso do volume, a partir da página 149, é dedicado ao período histórico a que nos temos vindo a referir. Recorda o passado de conselheiro de Estado e o convite para elaborar o programa do I governo provisório; a fundação do CDS (o único partido a votar contra a Constituição de 1976) e os obstáculos que teve de vencer; a obsessão dos militares pelo socialismo; o 28 de setembro, o 11 de março, o verão quente de 1975 e o 25 de novembro; o pacto MFA-Partidos; as prisões arbitrárias e sevícias a presos; os casos República e Rádio Renascença; o domínio crescente do MFA e do PCP; o Documento dos Nove; o papel das mulheres na revolução; o perigo de guerra civil ou da divisão de Portugal em dois países. ▶